



## SOCIEDADE

TEXTO Larissa Lopes

EDIÇÃO Luiza Monteiro

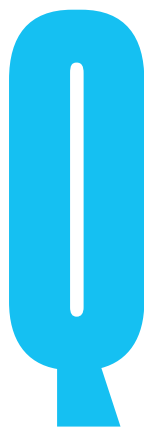
DESIGN Flavia Hashimoto



# CONFLITO DE INTERESSES

**EM NOVOS TEMPOS NA GEOPOLÍTICA MUNDIAL, CONFRONTO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA REAVIVA DISPUTA DE PODER INICIADA NA GUERRA FRIA, ALÉM DO MEDO DE ARMAS NUCLEARES. ENTENDA A ORIGEM E AS CONSEQUÊNCIAS DO EMBATE**

*Soldados russos em tanque no distrito de Volnovakha, em Donetsk, região da Ucrânia controlada por separatistas pró-Rússia.  
(Foto: Anadolu Agency/Getty Images)*



Quase quatro décadas após o desastre nuclear de Chernobyl, a Ucrânia enfrenta mais um episódio turbulento de sua história. Até 27 de março, a invasão russa no país, iniciada em 24 de fevereiro, provocou a morte de 1.151 civis, segundo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Mais de 4 milhões de ucranianos já haviam emigrado para buscar refúgio em outros países até o dia 29, de acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Nos últimos dias de março, em uma nova rodada de negociações na Turquia, o governo de Volodymyr Zelensky declarou aceitar a neutralidade no conflito em troca de um cessar-fogo definitivo, ao passo que as tropas de Vladimir Putin se comprometeram a reduzir os ataques na capital, Kiev, e em Chernihiv, no norte do país. O líder russo também demandou que nacionalistas ucranianos na importante região de Mariupol entregassem suas armas. Enquanto isso, as ofensivas continuaram.

Não é de hoje que ucranianos vivem sob a tensão provocada por guerras e disputas ideológicas — essa é a realidade há séculos por lá. Na Idade Média, o território que hoje constitui o segundo maior país da Europa em extensão foi dominado por poloneses, lituanos

e genoveses. No século 17, já na Era Moderna, a região foi dividida entre os impérios Russo e Austríaco. Apenas no início do século 20, com a dissolução dessas potências após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917, a região teve seus primeiros levantes nacionalistas. Em 1922, tornou-se membro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), permanecendo no bloco até seu fim, em 1991, quando finalmente proclamou sua independência.

Desde então, a Ucrânia se sobressaiu como uma potência energética no Leste da Europa. Rica em recursos como gás, petróleo, carvão e minério de ferro — e localizada em um ponto estratégico do continente europeu —, continuou sendo palco de disputas de poder entre o Oriente e o Ocidente. Com o fim da URSS, o país experimentou alguns anos de paz, e inclusive abdicou de seu arsenal nuclear na década de 1990, a fim de minimizar o risco de desastres e guerras armadas. No início século 21, tornou-se, além de uma potência político-econômica do Leste Europeu, um dos principais pontos turísticos da região, chegando a receber mais de 20 milhões de visitantes por ano entre 2005 e 2013, segundo a Organização Mundial do Turismo.

Mas as praias dos mares Negro e de Azov, lotadas no verão do Hemisfério Norte, começaram a esvaziar em 2014. Em fevereiro daquele ano, o presidente democraticamente eleito Viktor Yanukovich foi deposto após demonstrar aproximação à política do presidente russo, Vladimir Putin, sendo substituído por Petro Poroshenko, governante pró-Ocidente. No mês seguinte, em 18 de março, a Crimeia — importante região militar no sul da Ucrânia e

com população de origem majoritariamente russa — foi anexada à Rússia após definição por voto popular. A perda do território, no entanto, não foi suficiente para submeter o país aos desmandos de Putin e tampouco evitou que o governo ucraniano se aproximasse ainda mais das potências ocidentais.

No final do governo de Poroshenko, em 7 de fevereiro de 2019, o parlamento da Ucrânia, chamado Verkhovna Rada, aprovou emendas na Constituição do país que abrem a possibilidade de a nação ingressar em órgãos europeus, como a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). A decisão não agradou a Putin, que, desde então, tem pressionado o governo ucraniano a desistir dessa aproximação.

Três anos após as emendas constitucionais, no último dia 14 de fevereiro, o porta-voz da presidência ucraniana, Sergii Nykyforov, disse à agência de notícias *Reuters* que o país não desistiria de entrar na Otan. “Este curso não está apenas refletido na Constituição, mas também é do pleno consentimento das autoridades e da sociedade [ucranianas]”, afirmou. Dez dias depois, o presidente russo ordenou a invasão da Ucrânia com forças armadas por terra, céu e mar. “A oposição da Rússia à entrada da Ucrânia na Otan é a questão fulcral que explica a guerra”, afirma Pedro Donizete da Costa Júnior, doutorando em Ciência Política na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Mas para entender por que o país de Dostoiévski se sente ameaçado pela ambição ucraniana, é preciso voltar algumas décadas.



*Quase 4 milhões de cidadãos ucranianos já deixaram o país desde o início da guerra, em 24 de fevereiro. A Hungria (foto) está entre os principais destinos dos refugiados. (Foto: Christopher Furlong/Getty Images)*

## **GUERRA E PAZ**

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, duas grandes forças econômicas e políticas se avultaram: os Estados Unidos e a União Soviética. Como forma de proteger os territórios e interesses de cada uma das potências e de seus aliados, foram criadas organizações militares que visavam defender mutuamente países-membros em caso de algum ataque. Em 1949, os EUA e mais 11 países europeus assinaram o Tratado do Atlântico Norte, dando origem à Otan. Seis anos mais tarde, foi a vez da URSS assinar o Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua, mais conhecido como Pacto de Varsóvia, e criar sua própria aliança militar.

Membros da Otan e do Pacto de Varsóvia viveram sob constante conflito durante toda a Guerra Fria, até que, em 1º de julho de 1991,


a aliança soviética foi extinta como uma das consequências da dissolução da URSS. A Otan, por outro lado, não foi desmantelada — pelo contrário, se fortaleceu desde sua fundação e hoje conta com 30 estados membros. A sobrevivência dessa organização é considerada uma ameaça por Putin, que tenta impedir a entrada de países vizinhos, historicamente sob influência soviética, no acordo transatlântico. “A presença da Otan na Ucrânia seria muito temerária do ponto de vista do poder [*russo*]”, avalia Costa Jr.

Isso porque, se um dos países-membros da Otan for atacado, todos os outros podem responder à ameaça, uma vez que a aliança consiste na proteção mútua entre os Estados. Para a Rússia, não seria prudente fazer fronteira com um país aliado a essa organização militar criada para combater a extinta URSS. “No limite, a entrada da Ucrânia na Otan significaria quase como se a Rússia passasse a fazer fronteira com os Estados Unidos. E ninguém quer isso”, garante o pesquisador, alertando para os riscos de um possível embate entre os dois países com maior arsenal nuclear no mundo.

Mas o governo ucraniano pensa diferente. Após a destituição do presidente Viktor Yanukovich, político pró-Rússia, dois governantes pró-Occidente e atlantistas assumiram o poder: Petro Poroshenko, que modificou a Constituição ucraniana a fim de facilitar sua entrada na Otan, e o atual presidente, Zelensky, que insistiu na ideia e agora enfrenta a invasão russa. “Para uma Ucrânia que busca cada vez mais se distanciar da histórica influência russa, uma dessas formas de buscar autonomia seria entrar em

organizações europeias e ocidentais”, comenta Gabriel Pessin Adam, professor de Relações Internacionais na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em Porto Alegre, e especialista na história da URSS e da Rússia. “O grande sonho da Ucrânia é entrar na União Europeia. A Otan é uma ambição mais recente, relacionada aos últimos governos e que agora tem sido apoiada pela maioria da população — ainda que muitos temam a retaliação russa.”

Uma enquete do Instituto Internacional de Sociologia de Kiev realizada em dezembro de 2021 mostra que 59,2% dos ucranianos são a favor do ingresso do país na Otan e 75,7% apoiam a entrada na União Europeia. A taxa de aprovação é maior entre quem vive no Oeste e Centro da Ucrânia (regiões tradicionalmente pró-Occidente), chegando a 69,5%. Já entre aqueles que estão no Sul e no Leste do país, que são étnica e



**“Para uma Ucrânia que busca cada vez mais se distanciar da influência russa, uma forma de buscar autonomia seria entrar em organizações europeias”**

**Gabriel Pessin Adam**, professor de Relações Internacionais da ESPM em Porto Alegre

historicamente mais próximos aos russos, a concordância não passa de 42,3%. “Essa questão étnica é muito forte no Leste da Ucrânia, principalmente na região de Donbass, que abrange as autoproclamadas repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, hoje dominadas por rebeldes separatistas pró-Rússia”, complementa Adam.

A anexação dessa região, inclusive, é uma das exigências de Putin para acabar com o conflito. À frente da Rússia desde agosto de 1999, revezando-se nos cargos de presidente e primeiro-ministro, o político foi responsável por retomar o status de potência mundial de seu país, que encerrou o século 20 arrasado pela dissolução da URSS, com um exército desmoralizado pelo fracasso na Primeira Guerra da Chechênia (1994-1996) e uma grave crise econômica. Ao longo de seus 22 anos no governo, Putin conseguiu restabelecer a Rússia como uma protagonista internacional, reanexou a Chechênia ao seu território e fez com que o país fosse reconhecido como uma das principais economias emergentes, junto a Brasil, Índia, China e África do Sul, grupo que ficou conhecido como Brics. “Putin tem muita experiência e, nessas duas décadas, ele mais acertou do que errou na arena internacional, visto que conseguiu retomar a projeção da Rússia”, avalia o professor de Relações Internacionais da ESPM.

Mas, como dizia Tio Ben nos quadrinhos do *Homem-Aranha*, com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. A depender do resultado da guerra na Ucrânia, que já desestabilizou a economia russa com as sanções internacionais impostas ao país, esse histórico de vitórias pode chegar ao fim e abalar o czar moderno.



## CRIME E CASTIGO

Para além das sanções econômicas e o repúdio público do Ocidente e de organizações internacionais, pouco tem sido feito para frear a ofensiva russa na Ucrânia. “As limitações que se tem de punir o comportamento russo demonstram como o país se tornou uma grande potência”, analisa Adam. O respeito (ou temor) à nação russa, no entanto, não se deve apenas ao seu potencial político e econômico,



*Crianças ucranianas refugiadas seguram faixas com os dizeres “Pare a guerra” e “Feche o céu” em manifestação em Hamburgo, na Alemanha. (Foto: Georg Wendt/picture alliance via Getty Images)*

mas também à iminência de um confronto com o segundo maior exército e com o maior arsenal de armas nucleares do mundo.

Para muitos especialistas, o conflito na Ucrânia é fruto de um erro do Ocidente em querer provocar a Rússia. “O Ocidente, e especialmente os Estados Unidos, são os principais responsáveis pela crise que começou em fevereiro de 2014”, escreveu John J. Mearsheimer, professor de Ciência Política na Universidade de Chicago, nos EUA, e um dos maiores teóricos contemporâneos em Relações Internacionais, em artigo na revista *The Economist*. “Ela agora se transformou em uma guerra que não apenas ameaça destruir a Ucrânia, mas também tem potencial para se transformar em uma guerra nuclear entre a Rússia e a Otan.”

Cientes dos riscos, os membros da Otan não pretendem intervir no conflito tão cedo, apesar de repudiarem a invasão russa. A aliança atlântica negou o pedido de Zelensky de estabelecer uma zona de exclusão aérea (ZEA) no país como forma de proteção aos ataques russos. A ZEA é decretada para evitar ataques aéreos e não permite voos não autorizados sobre determinada região — cabendo ao órgão que monitora a zona abater veículos que desrespeitem essa delimitação. “O pedido de uma zona de exclusão aérea monitorada pela Otan é uma demanda por maior segurança da Ucrânia, mas é também um convite à entrada [da organização] no conflito, pois, se houver alguma aeronave não autorizada sobrevoando a porção de território declarada como ZEA, a coalizão militar poderá abatê-la”, explica Lucas Carlos Lima, professor da Faculdade de Direito



*Edifício destruído após um bombardeio russo na área de Vitryani Hory, em Kiev, capital da Ucrânia, no dia 27 de março de 2022. (Foto: Anadolu Agency/Getty Images)*

da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em direito internacional. A recusa, portanto, é condizente com a decisão da aliança militar em não intervir na guerra.

Outro órgão que poderia interceder pela Ucrânia seria o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), mas ele foi vetado pela própria Rússia. Os cinco membros permanentes do Conselho — China, EUA, França, Rússia e Reino Unido — têm direito a vetar propostas discutidas na instância. Em 25 de fevereiro, um dia após a invasão, o país de Putin rapidamente usou seu privilégio para rejeitar um texto redigido pelos Estados Unidos e pela Albânia condenando a ofensiva. Assim, coube à Assembleia Geral classificar a invasão como um ato de agressão e propor punições.

Há também outras entidades capazes de responsabilizar a Rússia pela barbárie na Ucrânia. Segundo Lima, o Tribunal Penal Internacional poderia investigar e julgar crimes de guerra e contra humanidade cometidos no confronto, e a Corte Internacional de Justiça conseguiria impor medidas cautelares para evitar a piora da situação. “A comunidade internacional funciona de forma descentralizada. Logo, é possível vislumbrar diversos órgãos e instituições agindo no conflito”, afirma o professor da UFMG.

E motivos não faltam para punir a ofensiva, que já violou diversos princípios do direito internacional e tratados firmados com outros países. “Só na Carta da ONU, estão presentes o princípio da igualdade soberana dos Estados, a proibição do uso da força, o cumprimento das obrigações internacionais, o dever de resolução pacífica de controvérsias e o princípio da não intervenção”, cita Lima. “Todos esses princípios encontram-se sob ameaça neste momento.” Além disso, há violações de tratados que protegem a vida de civis, como o Direito Internacional Humanitário presente nas Convenções de Genebra, e outros que regulamentam o uso de armas bélicas, como os Acordos de Minsk, que põem fim a conflitos com separatistas, e o Memorando de Budapeste, que visa a proteção do território e a soberania ucraniana após seu desarmamento nuclear.

## **FIM DO MUNDO**

Sem seu arsenal atômico desde a década de 1990, a Ucrânia é um exemplo da importância da extinção de armas nucleares para a manutenção da paz mundial — que hoje se mantém por meio de


convencimentos e ameaças. “Os países que possuem bombas nucleares as usam como meio de persuasão”, analisa Carlos Mariz, presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben). “O equilíbrio é baseado em quem tem mais armas. Se todos estiverem armados, ninguém irá invadir o outro. Mas, de qualquer forma, a escolha ainda está nas mãos dos homens.”

Esse é um risco levantado pelo Relógio do Juízo Final, um mecanismo simbólico criado em 1947 por pesquisadores da Bulletin of the Atomic Scientists, organização associada à Universidade de Chicago que avalia as principais ameaças do planeta à humanidade. Em janeiro de 2022, já prevendo a iminência de uma guerra entre Rússia e Ucrânia, o Relógio apontou 100 segundos para o fim do mundo — simbolizado pelo horário da meia-noite. “Por muitos anos, nós e outros alertamos que a maneira mais provável de usar armas nucleares é por meio de uma escalada indesejada ou não intencional de um conflito convencional”, pontuam, em comunicado, os cientistas por trás da iniciativa. “A invasão da Ucrânia pela Rússia deu vida a esse cenário de pesadelo, com o presidente russo, Vladimir Putin, ameaçando elevar os níveis de alerta nuclear e até mesmo o primeiro uso de armas nucleares se a Otan intervir para ajudar a Ucrânia. Essa é a cara dos 100 segundos para a meia-noite.”

Em entrevista à *CNN* concedida no último dia 22 de março, o porta-voz de Vladimir Putin, Dmitry Peskov, não descartou, para temor mundial, a possibilidade da Rússia utilizar armas nucleares: “se é uma ameaça existencial para o nosso país, então pode ser”. Para

evitar esse tipo de conflito, Mariz defende a criação de um acordo internacional a fim de que armas atômicas sejam eliminadas e que haja um controle muito grande sobre elas. “Aqui na América Latina, por exemplo, há a Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares (Abacc), responsável por garantir que nem o Brasil nem a Argentina desenvolvam esse tipo de tecnologia”, exemplifica.

E por falar em tecnologia, como se não bastassem as ameaças físicas da guerra, as digitais também estão à espreita. Semanas antes do conflito por terra, céu e mar se desenrolar, hackers — principalmente de origem russa — realizaram uma série de ataques a sites do governo ucraniano a fim de sobrecarregar sistemas de dados e tirá-los do ar. Também houve prejuízos



**“Putin reencarna o Grande Espírito Russo, que não só remete à Rússia Soviética do século 20, mas também à Rússia dos séculos 18 e 19; de Catarina, a Grande; da literatura de Dostoiévski e Tolstói”**

Pedro da Costa Júnior, doutorando em Ciência Política na USP

aos serviços de internet, que deixaram parte da população sem acesso à rede. O problema nacional veio a público por um tweet do vice-primeiro-ministro ucraniano, Mykhailo Fedorov, que pediu ao bilionário Elon Musk que fornecesse internet para a região com seus satélites Starlink. O empresário sul-africano acatou a ideia, permitindo que milhões de pessoas conseguissem se comunicar com parentes e amigos no país e no exterior — estratégia de informação fundamental para sobreviver aos ataques diários.

Multifacetada, a guerra na Ucrânia agrega muitas novidades para a política mundial, ainda que suas causas estejam ligadas a acontecimentos e disputas ocorridos há décadas. Uma das principais mudanças provocadas (ou aceleradas) pelo conflito é a (re)ascensão de novos protagonistas no cenário geopolítico. “Estamos passando por um momento de transição hegemônica”, avalia Pedro Costa Jr. “A Rússia e, indiscutivelmente, a China — com quem anunciou uma parceria sem limites em fevereiro — podem se tornar as próximas potências do mundo caso continuem demonstrando suas habilidades diplomáticas e liderando setores de produção energética.”

Na visão do especialista em Ciência Política, a atual gana de poder do Kremlin evoca a antiga imagem da Grande Mãe Rússia, uma personificação patriótica do país que acolhe e protege todos aqueles que se identificam como russos. “Putin reencarna o Grande Espírito Russo, que não só remete a essa Rússia Soviética do século 20, mas também à Rússia dos séculos 18 e 19; de Catarina, a Grande; da literatura de Dostoiévski e Tolstói”, avalia.

Nesse sentido, a ofensiva contra a Ucrânia e a tomada de regiões do país com maioria étnica russa não seriam apenas de interesse político e militar — representariam também um resgate do orgulho nacional. Orgulho esse que, assim como a geopolítica, talvez tenha sido reconfigurado no século 21.



Mulher caminha em área de Kiev bombardeada pelas forças russas. (Foto: Anadolu Agency/Getty Images)

## UMA GUERRA ANUNCIADA

Conheça os principais episódios que fomentaram o atual conflito entre Rússia e Ucrânia

### 1991

Em meio ao processo de dissolução da União Soviética, a Ucrânia proclamou sua independência em 24 de agosto de 1991 após um referendo que obteve mais de 90% da aprovação da população. A independência ucraniana foi reconhecida no Natal do mesmo ano, um dia antes do fim oficial da URSS.

### 1994

Para proteger a soberania e segurança do país e de nações que mantiveram seu arsenal atômico, foi assinado em 5 de dezembro o Memorando de Budapeste, em que Rússia, EUA e Reino Unido garantiram não ameaçar ou usar forças contra a Ucrânia. Também em dezembro de 1994, a Rússia iniciou a Primeira Guerra da Chechênia.

### 1996

Em agosto, o presidente russo Boris Yeltsin declarou cessar-fogo e retirou seu exército do território checheno, que até então fazia parte da Rússia. A derrota no conflito feriu o orgulho russo e a popularidade de Yeltsin, primeiro presidente eleito após o fim da União Soviética.

### 1999

Naquele ano, Yeltsin abdicou da presidência, deixando a Rússia nas mãos do então primeiro-ministro Vladimir Putin, que se tornou presidente interino. Em 2000, Putin foi eleito o segundo presidente da Federação Russa, com 52,9% dos votos.



#### 2004

Putin começou seu segundo mandato após receber 71,3% dos votos. Do outro lado da fronteira, o político pró-Rússia Viktor Yanukovich era eleito presidente da Ucrânia. Acusações de fraude eleitoral, no entanto, provocaram protestos que ficaram conhecidos como Revolução Laranja, e novas votações foram convocadas entre os ucranianos.

#### 2005

Em nova eleição, o político Viktor Yushchenko, com seu discurso pró-Occidente, foi escolhido presidente da Ucrânia. Entre as ambições de seu governo já estavam o ingresso na União Europeia e na Otan.

#### 2007

Após a Otan anunciar a intenção de incluir países do Leste Europeu, Putin expressou seu incômodo com a possibilidade de ter a organização próxima de suas fronteiras. Durante seu discurso na Conferência de Segurança de Munique, fez ameaças às nações que tentassem ingressar no órgão.

#### 2008

Um ano após ameaças públicas, a Rússia teve a oportunidade de demonstrar seu poderio militar na Guerra Russo-Georgiana. O conflito também ficou conhecido como Guerra dos Cinco Dias, já que ocorreu entre os dias 8 e 12 de agosto — com a Rússia saindo vitoriosa sobre a Geórgia, que perdeu a Ossétia do Sul.

#### 2010

O líder pró-Moscou Yanukovich foi eleito novamente presidente da Ucrânia. Apesar de conseguir ocupar o cargo desta vez, ele não ficou no poder até o fim do mandato. Ao con-

trário de seu antecessor, acabou distanciando a Ucrânia de organizações como a União Europeia e a Otan.

#### 2014

As decisões pró-Rússia de Yanukovich provocaram, em fevereiro de 2014, sua deposição pelo parlamento ucraniano, que colocou Petro Poroshenko, governante pró-Occidente, no poder. No mês seguinte, um plebiscito popular na Crimeia, de maioria russa, aprovou a anexação da região à Rússia. Mais áreas ligadas ao país de Putin se rebelaram para se tornarem independentes da Ucrânia e, em setembro de 2014, foi determinado o cessar-fogo por meio da assinatura do Protocolo de Minsk.

#### 2019

Antes do fim de seu mandato, Poroshenko fez seu último movimento contra Moscou: modificou a Constituição ucraniana para incluir passagens sobre o desejo e direito da nação em ingressar na UE e na Otan. Mas ele não foi reeleito; quem assumiu a presidência do país foi o comediante Volodymyr Zelensky, também pró-Occidente.

#### 2022

As alterações constitucionais não agradaram a Putin, que passou a tentar coibir o ingresso da Ucrânia em organizações ocidentais. Em fevereiro, após um porta-voz de Zelensky afirmar que o país não abriria mão da medida, o governante russo ordenou a invasão no país vizinho no dia 24. Em um mês de conflito, quase 4 milhões de cidadãos deixaram o país e mais 1 mil civis morreram.

